

# Dívida não se paga com democracia. Opinião de Gary Hart.

A crise da dívida externa não pode ser paga com a democracia brasileira. A afirmação, que poderia ser atribuída a Tancredo Neves, foi feita ontem, durante almoço da Câmara Americana de Comércio para o Brasil, pelo ex-senador Gary Hart, 51 anos, um dos candidatos democratas à sucessão do atual presidente dos EUA, Ronald Reagan. Aliás, Hart falou como presidente, foi o comentário entre os empresários. O ex-senador não se esqueceu sequer de Tancredo Neves, para enfatizar a necessidade de se estabelecer uma política sólida de cooperação entre Brasil e EUA. "Caracterizada não por aventuras militares, ou acusações de imperialismo, ou ameaça de protecionismo, mas pela amizade e pela colaboração baseada na igualdade e respeito mútuos", disse Hart.

E ainda acrescentou: "Não se pode permitir que a crise externa por que passa a América Latina e o Brasil, em especial, ameace a democracia". O ex-senador mostrou confiança na economia brasileira. Respondeu a uma questão sobre os rumos do governo com outra pergunta: "Sarney sabe para onde vai?" Para, logo em seguida, adiantar: "Sabe sim..."

Hart disse, em seu discurso, que estava de acordo com o artigo publicado no jornal americano *Foreign Affair*, de autoria do presidente José Sarney. No artigo, o mandatário brasileiro observa a admiração e o respeito da América Latina pelos ideais de vida e liberdade da sociedade norte-americana. Mas aponta como grande erro da política externa dos EUA o tratamento de terceira classe dispensado ao Continente.

Hart reconheceu, em seguida, que a política externa americana foi construída sobre a realidade dos anos 40 e 50. Ele afastou definitivamente a utilização da força militar na América Latina como solução para as questões ligadas ao

conflito Leste-Oeste, mostrando-se favorável à ação diplomática, inclusive, na Nicarágua. Elogiou, ainda, o Grupo de Contadora.

Hart esclareceu que depois do governo Kennedy uma verdadeira "revolução industrial" criou uma economia global, tornando os empregos, nos EUA, mais dependentes do comércio externo. E ressaltou que esse impacto não foi menor no Brasil. Por isso, segundo o ex-senador democrata, apenas a negociação solucionará a crise externa que vários países atravessam, inclusive da África. Para ele, pior que ameaçar o crescimento da economia global, a dívida pode pôr em risco as democracias emergentes.

Gary Hart acha, portanto, que o sucesso das relações bilaterais está diretamente ligado à capacidade

de de superação dessa crise. Disse que todos devem evitar os erros do passado: os EUA agindo, agora, mais como um agente do desenvolvimento que uma agência de atendimento aos bancos, enquanto os devedores promovendo o desenvolvimento de seus países e não apenas aplicando políticas fiscais irresponsáveis.

Finalmente, Hart criticou o isolacionismo protecionista e ressaltou que o crescimento da AL pode incentivar maiores importações dos EUA, reduzidas com a crise da dívida. David Benadof, presidente da Câmara Americana, acrescentou que os investimentos estrangeiros no Brasil deverão crescer este ano, em relação a 1986, uma média de US\$ 100 milhões, a mais baixa dos últimos anos.